

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Bruno Tavares Ventura Silva

Entre Estética e Política:

Fazer Cidade Fazendo Festa

São Carlos

2023

Bruno Tavares Ventura Silva

Entre Estética e Política:

fazer cidade fazendo festa

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em
Sociologia ao departamento de
Ciências Sociais, pela Universidade
Federal de São Carlos.

Orientação: Prof^a Dr^a Luana Dias Motta

São Carlos

2023

Bruno Tavares Ventura Silva

Entre Estética e Política:

fazer cidade fazendo festa

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Sociologia ao departamento de Ciências Sociais, pela Universidade Federal de São Carlos.

Aprovado em:

(título e nome do participante da banca examinadora)

(data)

(título e nome do participante da banca examinadora)

(data)

*Qualquer coisa ou qualquer pessoa, seja
uma lei ou um esforço cívico, que dificulte a
obtenção de lucro corre o risco de ser posta
de lado – de ser expulsa.*

Saskia Sassen

Resumo

O presente trabalho busca analisar a disputa pelo uso e circulação do território santista, como foco nos bairros centrais. A porção territorial insular da cidade é diminuta e altamente elitizada à medida que avançamos em direção a orla da praia. Em contrapartida, as porções afastadas do mar são progressivamente despriorizadas no planejamento estratégico de mercantilização do território santista. Em diálogo com a literatura internacional sobre cultura clubber, mas também com autores que trazem o debate sobre festa para o contexto latino-americano, tenho como objetivo construir uma interface de discussão das estéticas propostas pela Boiler Ruim, festa underground clubber da cidade; e pelo Alegria Centro, projeto de reforma arquitetônica do bairro Centro. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o papel dos bairros centrais no crescimento de Santos a ser somado à literatura sobre festa. Entrevistas foram conduzidas com os organizadores da Boiler Ruim, enquanto a análise dos documentos que regulamentam e apresentam publicamente o Alegria Centro compuseram a metodologia da pesquisa. Foi possível elencar elementos discursivos expressos na construção da festa que permitiram traçar paralelos e dissidências da Boiler Ruim com o Alegria Centro, lançando luz sobre a disputa entre formas hegemônicas e dissidentes de sentir e modificar os espaços da cidade.

Palavras-Chave: festa; clubber; espaço urbano; estética; gentrificação

Abstract

The present work seeks to analyze the dispute for the use and circulation of the Santist territory, as a focus on the central neighborhoods. The insular territorial portion of the city is tiny and highly elitist as we advance toward the beachfront. On the other hand, the distant portions of the sea are progressively deprioritized in the strategic planning of the commodification of the Santist territory. In dialogue with the international literature on clubber culture, but also with authors who bring the debate on partying to the Latin American context, I aim to build an interface for discussion of the aesthetics proposed by Boiler Ruim, the city's underground clubber party; and Alegra Centro, an architectural reform project in the Centro neighborhood. For this, a bibliographic survey was carried out on the role of the central neighborhoods in the growth of Santos to be added to the literature on partying. Interviews were conducted with the organizers of Boiler Ruim, while the analysis of the documents that regulate and publicly present the Alegra Centro composed the research methodology. It was possible to list discursive elements expressed in the construction of the party that allowed to draw parallels and dissidences of Boiler Ruim with Alegra Centro, shedding light on the dispute between hegemonic and dissident forms of feeling and modifying the city.

Keywords: party, clubber, urban space, aesthetics; gentrification

LISTA DE FIGURAS

FIGURAS

Figura 1 -	Mapa de abairramento de Santos insular e continental.....	17
Figura 2 -	Divisão de zonas e bairros de Santos insular.....	18
Figura 3 -	Macrozona Centro de Santos.....	19
Figura 4 -	Performers na Boiler Ruim.....	20
Figura 5 -	Performer em apresentação na Boiler Ruim.....	21
Figura 6 -	Pista de uma das edições da Boiler Ruim.....	22
Figura 7 -	Banner de divulgação da festa.....	23
Figura 8 -	Pista de uma das edições da Boiler Ruim.....	27
Figura 9 -	Pista de uma casa de show na avenida da orla da praia de Santos.....	27
Figura 10 -	Comparativo arquitetônico pré e pós atuação do Alegria Centro.....	30

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1. APRESENTAÇÃO.....	9
1.2. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	10
1.3. O ACESSO À FESTA.....	12
1.4. O ACESSO À HEGEMONIA.....	12
1.5. O QUE ESTÁ POR VIR: ESTRUTURA DO TEXTO.....	13
2. DESENVOLVIMENTO.....	14
2.1. FESTA, CLUBBER E UNDERGROUND.....	14
2.2. CIDADE, ESPAÇO DE FESTA.....	14
2.3. SANTOS, CIDADE MERCADORA.....	17
2.4. BOILER RUIM: FESTA, CLUBBER E UNDERGROUND.....	20
2.5. FESTA E TRABALHO: CRESCIMENTO NA CENA.....	22
2.6. ESTÉTICA E FIO DE PRUMO: DIFERENÇA CRIA DIFERENÇA.....	25
2.7. SANTOS E O CENTRO: BAIRRO FUNDADOR, BAIRRO NÃO RENTÁVEL.....	27
2.8. CIDADE, ESTÉTICA, MERCADO E FESTA: SANTOS, TERRITÓRIO DIMINUTO.....	30
3. CONCLUSÃO.....	32
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

INTRODUÇÃO

Apresentação

A amarração do nó que forma uma ideia nem sempre é previsível. À medida que os laços vão se formando, dando voltas uns pelos outros, sendo lentamente puxados pela conexão entre duas ou mais memórias, vai se formando na imaginação uma sensação de solidez quase tocável. Embora ideias não possam ser tocadas pelos dedos, foi em uma tarde quente, dentro de uma sala de aula, que a ideia desta pesquisa teve seu nó atado.

A aula em questão, em que discutíamos a sobreposição de círculos concêntricos ao mapa de cidades, buscando observar diferenças entre os diferentes círculos conforme avançávamos do mais central em direção ao mais marginal (KOWARICK, 1983), acenderia a vontade de retornar à minha cidade natal, Santos, no litoral do estado de São Paulo, para refletir sobre o processo de desenvolvimento e crescimento da cidade. Em conversas com o grupo de estudos Na Margem, do qual participei para a formulação e desenvolvimento dessa pesquisa, sob a orientação da Prof^a Dr^a Luana Dias Motta, surgiu o primeiro laço que forma o nó da pesquisa de iniciação científica que é a base desta monografia: discutir a disputa pelo uso e apropriação do espaço urbano de Santos.

O segundo laço do nó, por outro lado, remonta a um sentimento de incompreensão que me acompanhou durante a adolescência na cidade. Enquanto eu passava os dias na praia, me distraíndo com o mar, um grupo de amigos se deslocava para o centro da cidade, durante a noite, para se reunirem com outros amigos e dançar ao som de músicas eletrônicas. O meu desinteresse por atravessar Santos via transporte público durante a madrugada para me reunir em lugares distantes e escuros se transformou, nos anos de faculdade, em uma instigação. Mais tarde, pensando junto ao Na Margem, a instigação se transformou em dúvida e ganhou corpo de pesquisa.

A cena de festas de música eletrônica underground de Santos foi parte integrante da pesquisa, mas não seu foco. Aqui, nos debruçamos sobre o projeto criado por aqueles amigos, que seria batizado como Boiler Ruim, uma festa clubber underground de grande impacto na cena santista, na vida de meus amigos e no meu imaginário. A instigação, já na pesquisa, se transformou em uma discussão sobre o uso que a festa faz do espaço urbano de Santos, como se relaciona com esse espaço e nos tensionamentos que ela ativa

ao existir no centro de uma cidade, como veremos, atravessada pela verticalidade, encarecimento sistemático do território e por uma relação imbricada entre poder público e mercado imobiliário.

O objetivo fundamental da pesquisa foi construir uma interface de comunicação entre diferentes propostas para o uso do território de Santos. De um lado, como comentamos, está a Boiler Ruim, que enquanto festa é feita de e produz o território santista, como veremos mais à frente. De outro, o projeto Alegria Centro, uma iniciativa público-privada que atua em Santos a mais de vinte anos e que defende um certo tipo de uso do território da cidade. O embate entre a Boiler e o Alegria foi objeto desta pesquisa e, portanto, é como ideia: existe na discussão que foi feita nesta pesquisa através da análise das estéticas propostas pelos dois usos do centro de Santos.

Contextualização

A pesquisa buscou investigar a tensão estética produzida pela Boiler Ruim, festa clubber underground que acontece na Macrozona Centro de Santos, que compreende o bairro Centro da cidade do litoral de São Paulo. Investigar significou pensar a realização e a relação que a festa estabelece com o bairro, discutindo suas formas, espaços e potencialidades acionadas na cidade. Investigar a tensão, ainda, significou discutir, através de aproximações e afastamentos, a relação da Boiler Ruim com o projeto Alegria Centro, pivô do avanço da mercantilização do território santista sobre o Centro.

A discussão é orientada pela noção de estética política, aqui norteadada pela perspectiva rancieriana (2009) que vai pensar formas de uso dos espaços da cidade como formas construir a cidade. A circulação, a ocupação, o uso transformam as cidades ao fazerem de ruas, casas, prédios e calçadas espaços de convivência, discussão, conflito, encontro e toda a sorte de atividades (LEVEBVRE, 2011). A partir dessa noção, contrastar as propostas da Boiler Ruim e do Alegria Centro para o uso do bairro nos permite discutir as possibilidades de construção de cidade em Santos. Um sussurro constante de que há o interesse da gestão pública da cidade de impulsionar a mercadologização do território (VAINER, 2000) santista, através do incentivo ao empreendedorismo turístico e ao apelo ao resgate histórico da estética urbana caracteristicamente empregada na fundação da cidade, o Alegria Centro opera como ponta

de lança das tentativas de rentabilização, mas também de controle de circulação, uso, expressões em Santos.

A Boiler Ruim ocupa, hoje, esse mesmo território central que é alvo do Alegria Centro. As festas acontecem em galpões no Centro, encontrando no bairro a memória de uma cena underground que atuou em praças ao ar livre nos primeiros quinze anos do século XXI. Reaquecida pela Boiler Ruim em 2018, a cena clubber santista, então escassa em quantidade de festas, ganhou uma nova rufada de vento, fortalecendo mais uma vez o vínculo entre o bairro fundador e hoje periférico da cidade e a cultura clubber em Santos. Ocupado pelas classes trabalhadoras, pelos pobres às margens do planejamento estratégico de Santos, o Centro oferece espaços que ficam longe da fiscalização do poder público¹ e favorecem o enriquecimento da cena, que se apropria do longe, do abandonado, do despedaçado, somado a mobílias, luz, palco, bar, gente, movimento e dança para compor uma estética de festa.

Localizar a Boiler Ruim na cidade, entendendo sua construção, perspectivas e anseios, por um lado; por outro, pôr em diálogo a ameaça ao uso do espaço impulsionada pelo Alegria Centro e a própria festa, problematizando as propostas de construção e uso da cidade ecoadas pelo poder público através da perspectiva da Boiler Ruim. Antes de uma investigação do processo de gentrificação do bairro, o objetivo é trazer uma reflexão no nascimento desse processo na forma como ele se dá em Santos: através do conflito entre o feio e o bonito, do barulho e da voz disfarçado de regaste histórico e desenvolvimento econômico.

A primeira versão desse texto foi lida pelos interlocutores do projeto, os organizadores da Boiler Ruim, visando aproximar a pesquisa da construção coletiva de conhecimento acadêmico descentralizado da academia. Pontos importantes de discussão e dados foram revistos em prol dos entrevistados, preservando informações, dados, identidades e segurança dos entrevistados.

¹ São poucas as casas de festa e galpões do bairro que possuem, por exemplo, AVCB – Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros, necessário para registrar legalmente a segurança estrutural de casas, prédios e outras edificações que promovam todo tipo de evento e uso de edificações. Essa ausência, como veremos mais tarde, produz a desvalorização do aluguel dos espaços, o que beneficia a existência de festas e roles de baixo custo nos bairros centrais.

O acesso à festa

Se a festa é uma amalgama de elementos construídos e tornados vivos pelos sujeitos que dela participam, ela é também uma efervescência coletiva de símbolos, significados, significantes e perspectivas. Acima de tudo um ato coletivo, ela existe na dimensão material de sua realização; e na dimensão imaterial de sua concepção. Feita de um enredo histórico que ultrapassa o encontro e o contém em um universo simbólico, a festa é mais uma das formas de expressão, aquelas que são necessárias observar em seus elementos constitutivos.

Festas podem ser feitas de um universo de elementos infinito, não cabe numerá-los. Por outro lado, o recorte das festas clubber possui uma definição herdada da literatura que se debruça sobre o tema, mas também os ultrapassa: a desordem, o desfazer da ordem, engloba não só a posição antagonista ao sistema a que pertencem, mas também aos seus próprios limitantes. Festas clubber constroem ao desconstruir, por excelência. Um dos elementos que permite esse movimento é um dos seus principais constituintes, os seus realizadores.

Analisar um fenômeno que existe na sua efemeridade, sem se debruçar sobre um dos eventos, soa contraditório. Entretanto, é a própria definição de início e fim da festa analisada aqui que permite acessá-la sem participar dela. Como um dos principais interlocutores da pesquisa sugeriu, a festa se inicia na sua concepção criativa, passando por todo o seu preparo físico, só se encerrando quando encapsulada na memória dos participantes que dividiram a pista. É neste momento inicial, sua concepção criativa e construção material, que busco traduzir o discurso atrelado à estética construída pela Boiler Ruim. Encapsulando esse momento, que dá o tom e fornece o fio de prumo de cada evento, os organizadores da festa se tornam os principais interlocutores e maestros da incógnita de eventos que podem se condensar a cada festa. É deles que o regimento de cada evento parte para ser, ao longo das horas de duração das festas, feitos e desfeitos por cada participante. Acompanhá-los se torna acompanhar a germinação do incontrolável.

O acesso à hegemonia

Minutas, leis, códigos transparecem, em um primeiro momento, a impressão de impessoalidade. Regulamentado por lei e apresentado através de documentos e editais, o

Alegra Centro, ao longo dos seus mais de vinte anos de existência, não possui um fronte identificável e acessível. O projeto opera como uma entidade fantasmagórica feita daquilo que Latour (2019) descreve como produto da ação de sujeitos que tecelam a impessoalidade da coisa pública através do amontoamento de ações e circulação de papéis. São esses papéis, que dão corpo, regulam e divulgam o Alegra Centro que foram acessados para compreender a proposta estética do poder público de Santos para o Centro e, portanto, a normativa de circulação e uso do espaço da cidade.

O que está por vir: estrutura do texto

Além da apresentação e introdução dados acima, o texto é composto por uma revisão bibliográfica importante para contextualizar a discussão da qual parto para pensar as noções de festa, clubber e underground. Em seguida, o recorte estético como uma forma de leitura do clubber na cidade. Por último, da cidade como um espaço de geração de riqueza, de mercadologização do território urbano.

A discussão é guiada por esta literatura e segue ordem parecida. Começamos pensando na Boiler Ruim como uma festa clubber e underground que acontece em Santos. Em seguida, na relação das categorias festa e trabalho, que no nosso caso se imbricam de diferentes formas a cada evento. Seguimos para o movimento de construção e desconstrução como ordem de criação da festa pelos seus organizadores, passando para uma retomada, agora comparativa, do conflito estético gerado pela Boiler Ruim ao projeto de rentabilização do território santista central. Por último, sobre o controle estético da arquitetura e comércio na cidade como forma de gentrificação do território.

DESENVOLVIMENTO

Festa, clubber e underground

Há uma vasta literatura que se debruça sobre o fenômeno festivo em suas diversas concepções, pensando festas como fenômenos ritualísticos que enunciam codificações, expressões políticas, discursos e perspectivas específicas, captadas apenas se nos aproximarmos de cada evento compreendendo-o como um momento singular e de sincronização entre os sujeitos e tradições que as compõem.

Uma parte desta literatura o faz com foco em festas de rua, aquelas que são atravessadas por religiosidade, pelo sagrado ou pelo profano (MAGNANI, 1984; AMARAL, MESQUITA, PEREZ, 2012; AMARAL 1998; COSTA, 2006; VELHO 2012). Há, ainda, uma parte da literatura que se debruça sobre as festas pertencentes aos circuitos urbanos que não especificamente estão ligadas a tradições religiosas. As raves, a disco, o house o techno e muitos outros estilos, compõem circuitos de relação entre sujeitos que articulam música, espaço e discursos ligados diretamente ao fenômeno das cidades. Fábricas e galpões desativados, típicos das metrópoles, servem de espaço para esse tipo de festividade. A club culture, que se caracteriza pelo formato de festas em que participantes se reúnem em espaços para dançar ao som de DJ's que compõem setlists de música eletrônica (BRAGA, 2018; GELDER, 2005; THORNTON, 1995; FACCHINI, 2011; FERREIRA, 2006; GARCIA, 2005), abriga uma diversidade de estilos musicais e formas de construção de festividade que buscam se relacionar com diferentes espaços da cidade para, com isso, compor sua própria estética. A relação das festas de música eletrônica com o espaço que ocupam é simbiótica: o espaço ganha vida ao ser palco das festas, enquanto a festa é pautada pelos espaços que ocupa.

Park (1967 [1916]) foi um dos primeiros autores a ligar a existência dos circuitos underground e de subcultura ao fenômeno urbano. Para Park, a “cidade permitiria a “pessoas excepcionais” a oportunidade de desenvolver suas disposições” (PARK (1967 [1916] apud BRAGA, 2018), em contraposição às comunidades pequenas, em que a tolerância perante a diferença seria mais rígida. Nessa esteira, os trabalhos de Gelder (2005) e Thornton (1997), operam com esse caráter “excepcional” e polivalente da festa. O primeiro, traz uma leitura mais contemporânea sobre a subcultura como produto direto da cultura, um underground construído em uma relação dialética com o mainstream das cidades. A segunda, busca compreender a club culture como um capital subcultural da

cena club, como uma forma de estabelecer um estilo característico (FACCHINI, 2011), construindo marcadores específicos a cada movimento subcultural. Dessa forma, é a composição da festa, do espaço que ela ocupa e dos sujeitos que a tornam realidade que farão com que seja possível identificar o estilo de cada festa e as potencialidades que cada uma vocaciona.

O conceito de cena é fundamental nessa esteira. Ele permite perceber uma constelação de diferentes formas de construir, no nosso caso, festas que pertencem ao clubber, figurando como uma forma de localizar sociabilidade face-a-face ao mesmo tempo em que globaliza essas relações em uma constelação de atividades comuns (STRAW, 2006). Cena é aquele espaço em que diversas práticas artísticas coexistem e dialogam, interagindo em um processo de diferenciação externa e desdiferenciação interna (MECCIA, 2011). O caráter festivo dessas festas não pode ser resumido ao circuito local ou global do qual fazem parte, mas deve ser alcançado em suas especificidades, o que traduz que a club culture não opera como um filtro, mas como um elemento agregador da perspectiva posta em prática pelas festas de música eletrônica. É com a captação dessas características que é possível entender materialmente como a Boiler se articula com o espaço urbano através de sua produção artística e cultural.

O movimento da cena santista aqui fora trabalhado por uma perspectiva analítica que permita localizar o clubber e a Boiler em meio à outras expressões artístico culturais, o que é importante para entender como ela se relaciona com a estética clubber e, a partir disso, potencializa discursos de uso do espaço da cidade. Mais do que tentar validar a proximidade entre a Boiler e uma espécie de pureza classificatória da estética underground, entender e mapear como estéticas atravessam o tempo e o espaço e se articulam nas cidades é fundamental para compreender como as cidades podem ser construídas através de usos dissidentes do espaço urbano. O caráter festivo da Boiler torna possível entendê-la como produtora de uma situação em que as relações são conjugadas em uma amalgama quase viva, criando um espaço de afirmação e identidade dos sujeitos na cidade. Seu caráter ritualístico (PEREZ, 2002), de espaço em que os sujeitos se encontram e mergulham no “transe” do techno, música que é apresentada pelos DJ’s nas festas, ao longo das doze horas de duração dos eventos, compõe um momento de exceção em que a composição dos atores pode ser relativizada, pensada para fora dos limites impostos pelo cotidiano do urbano (BRAGA, 2018), reorganizando a cidade em seu interior.

Cidade, espaço de festa

A cidade, como espaço de festa, pode ser operada sobre uma perspectiva analítica à partir de duas dimensões fundamentais: uma que está dada, é material, diz respeito à disposição das moradias, das ruas, aos fluxos de transporte e espaços de convívio, à distribuição de renda entre os moradores dos diversos bairros de Santos; a outra, uma simbólica, que também diz respeito as diversas formas de circular, habitar, trabalhar, morar e fazer uso da cidade, mas que opera a tradução do tangível para o discursivo em um movimento de compreender como diferentes usos dos espaços da cidade traduzem diferentes perspectivas sobre pertencimento (AGIER, 2015; TELLES, 2015). Encarando a cidade como um espaço cruzado por diferentes sujeitos de condições materiais de existência, atravessadas por relações de trabalho e estudo, deslocamento urbano, lazer e acesso à cultura, é possível plasmar, a prédios, praças, lojas, galpões e praças, discursos sobre possibilidades de uso da cidade, de presença, circulação e construção de espaços.

Encarado como uma forma de produção do espaço urbano planejado, o urbanismo (LEFEBVRE, 2011, p. 51) aqui encontra o planejamento estratégico (VAINER, 2000) da cidade quando um projeto de construção civil é estabelecido em concordância com o interesse em fomentar a circulação e consumo das classes altas. Nesse momento, uma estética urbana é produzida sobrepondo-se a outras, privilegiando certos usos, lojas, comércios, instalações e circulações na cidade, e pondo em risco usos dissidentes e sujeitos não contemplados no projeto urbanístico-estético elencados. A construção da cidade, quando pautada pelo valor do uso de seu território, uma vez tratado esse valor através da confluência entre poder público local e agentes privados, produz tensionamentos entre usos hegemônicos e dissidentes do espaço, que passam a disputar o uso e o pertencimento à cidade.

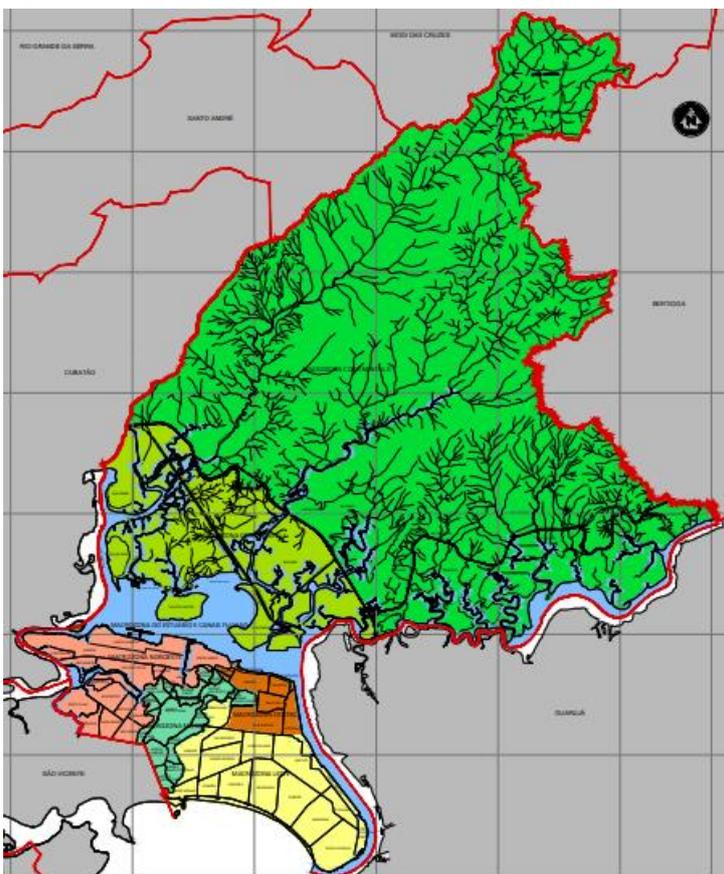
A estética se trata de conformações visuais e estilísticas, mas também de uma forma de se fazer política intrinsecamente ligada à produção dos espaços e à partilha destes espaços (RANCIÈRE, 2009). É no choque entre essas duas formas de produção do território, uso e apropriação da cidade que a produção urbana santista se posiciona nesta pesquisa: da ameaça de expulsão de um circuito que produz o espaço urbano através de codificações estéticas dissidentes por um projeto pautado pela lógica da revitalização e rentabilização do território. A lógica que põe a cidade a venda, a torna uma mercadoria, diz respeito à relação entre mercado e política que se configura para transformar a cidade, através de um planejamento estratégico, em um espaço aberto para a atuação privada

pautada pela lógica de mercado. Vainer (2000) descreve que há uma preocupação com construir uma imagem pública específica da cidade, capaz de transformá-la em mercadoria, empresa ou pátria. Cada uma a seu modo, essas transformações tentam fazer do urbano um produto, através da construção de sua imagem; de construí-lo em consonância com o interesse do mercado, racionalizando o espaço em uma lógica custo/lucro.

Santos, cidade mercadoria

Ganhando destaque na rede urbana brasileira majoritariamente a partir da segunda metade do século XX, o desenvolvimento de Santos é fortemente atrelado ao mercado cafeeiro paulista. A ligação entre o investimento público e privado, figurando um perfil privatista de seu planejamento (MAZIVIEIRO, 2011, 2013), marca o desenvolvimento urbano e político da cidade. A abertura da via Anchieta, em 1947, ligando a cidade à malha rodoviária do país, impulsionou a vocação turística de Santos, bem como possibilitou a venda de insumos industriais duráveis produzidos na região desde a criação, em 1950, do polo industrial de Cubatão, cidade vizinha a Santos. O porto, que se tornaria o núcleo da

Figura 1: Mapa de abairramento de Santos insular e continental



Fonte: Coordenadoria de Informações Urbanas de Santos (CONURB, 2022). Mapa de abairramento de Santos. Disponível em:

https://www.santos.sp.gov.br/static/files_www/files/portal_files/SEDURB/COINURB/2022PD1181/anexo_iii_macrozonas.pdf

atividade econômica da região, alavancou a expansão da atividade comercial e de serviços na cidade, o que terminou por produzir um protagonismo de Santos em relação aos demais

o centro da cidade. O projeto de reurbanização do centro, então, passa pela construção de um valor subjetivo atribuído à imagem do espaço através da vinculação de um sentimento coletivo patriótico que vem sendo planejado através de parcerias público-privadas que consigam, material e simbolicamente, transformar o centro da cidade em uma empresa rentável.

Diante disso, as formas de uso e circulação que não estão alinhadas a essa perspectiva passam a ser ameaçadas. Entre elas, as festas da cena clubber, que ocupam o centro e fazem circular pessoas que se apropriam do espaço com uma proposta estética destoante da hegemônica, tensionam a economia-política que gira em torno da revitalização ao se apropriarem do centro da cidade. Atravessada pelos marcadores urbanos, reconstruindo a cidade no interior de seus eventos e sendo também construída pela cidade, as festas da Boiler Ruim constroem suas narrativas em um espaço disputado pelo capital público e privado e pelas apropriações dos espaços da cidade que estão em conflito constante com o projeto turístico e higienista da cidade.

Boiler Ruim: festa, clubber e underground

A Boiler Ruim é uma festa clubber underground que acontece no centro de Santos, litoral de São Paulo, no bairro Centro, na Macrozona Centro da cidade. Organizada por um número variável de pessoas, que dividem as funções de montagem de estrutura de palco, aluguel e transporte de banheiros, equipamentos de som, mobília, assistência, música e porta, com controle de entrada de pessoas e o registro do evento. Desde o seu surgimento, em 2018 e o ano de redação desta monografia, em 2023, foram dez festas realizadas, a primeira contando com 200 participantes; a última, com mais de 800.

Clubber, porque nela encontramos uma série de elementos que podem ser pertencentes à constelação da estética: a reunião de pessoas para dançar ao som de DJs que compõem listas de reprodução de música eletrônica (GELDER, 2005; THORNTON, 1995); o uso de espaços

Figura 4: Performers na Boiler Ruim



Fonte: perfil oficial da festa no Instagram.
Disponível em:
<https://www.instagram.com/boilerruim/>

deslocados dos centros urbanos para a realização das festas; a infraestrutura característica, com mobílias como sofás, poltronas, cadeiras espalhadas pela festa; a presença tanto de drogas lícitas, como álcool e tabaco, quanto de drogas ilícitas, como o clorofórmio, cannabis; a execução de performances com temáticas variadas, como a encenação do parto de uma bolsa Prada e o batismo de uma boneca de plástico customizada com miniaturas de animais, presos ao corpo da boneca com alfinetes. Para longe de uma tentativa de assumir essas características como necessárias para a criação da estética clubber, a Boiler às põe em movimento em seus eventos como uma forma de incentivar o confronto de ideias do cotidiano com experiências não corriqueiras mergulhando todos os participantes no transe da música eletrônica (GARCIA, 2005).

Figura 5: Performer em apresentação na Boiler Ruim



Fonte: perfil oficial da festa no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/boiler-ruim/>

Festa, por sua vez, por gerar, no consciente e subconsciente dos participantes, um sentimento de pertencimento (PEREZ, 2002) a um evento localizado no tempo e no espaço: a Boiler possui hora para começar, hora para acabar e um espaço de realização demarcado na cidade. Esse sentimento de pertencimento, entretanto, diz respeito ao transbordar do tempo e do espaço que a festa alcança: com um caráter ritualístico, em que os organizadores deslocam de dois a três meses para conceituar, organizar e construir o ambiente da festa; em que os participantes planejam com dias de antecedência as vestimentas que serão usadas na festa, que variam de peças pretas sobrepostas a saltos plataforma de 25cm combinados com colãs coloridos, pinturas faciais e corporais e se encontram para irem juntos até o local dos eventos. Todos esses elementos, ao cabo, compõem um espaço em que as pessoas se encontram e se conectam, através da música, alta o suficiente para suprimir conversas, permitindo apenas o dançar dos corpos em sincronia. A marcha coletiva dos participantes se encontra na festa e se conecta. Em entrevista com um dos organizadores,

[...] a festa começa quando a última acaba. Ela começa no planejamento de como a gente quer que ela aconteça. Mas ela nunca acaba, porque mesmo depois que as luzes apagam e todo mundo vai embora, as pessoas seguem pensando na experiência que tiveram, refletem sobre ela, vem falar com a gente

e já começam a se planejar para a próxima. Isso, para mim, mostra que a festa continua viva na cabeça das pessoas, então ela nunca acaba. (ORGANIZAÇÃO BOILER RUIM, 2021)

Underground, pela composição infraestrutural da festa e pela proposta de seu acontecimento como um espaço construído em contraposição (PARK, 1967 [1916]) com as casas de festa localizadas fora do Centro e em espaços mais próximos à orla da praia da cidade. A primeira edição do role juntou mais de duzentas pessoas no dia 29 de

Figura 6: Pista de uma das edições da Boiler Ruim



Fonte: perfil oficial da festa no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/boilerruim/>

dezembro de 2018, a partir das vinte e três horas, para comemorar o aniversário de um dos organizadores no Botequim do Marapa, galpão sublocado no Centro que cedia espaço para eventos, lucrando com a venda de bebidas. Essa festa, primeira aparição pública da Boiler, somou a quantia, arrecadada com a venda de ingressos, suficiente para o pagamento do aluguel do espaço. Foi o registro desse evento, feito com uma câmera 35mm, que desvendou

um potencial, para os organizadores, de reascender a cena clubber santista, apagada após a repressão das festas abertas que aconteciam na Praça dos Andradas, também no Centro. Como as próximas edições da festa demonstrariam, esse formato não lucrativo seria fonte de confirmação do caráter pessoalizado da criação do evento, o que garantia para os organizadores uma identidade não mercadológica; mas também uma fonte de conflitos internos e externos.

Festa e trabalho: crescimento na cena

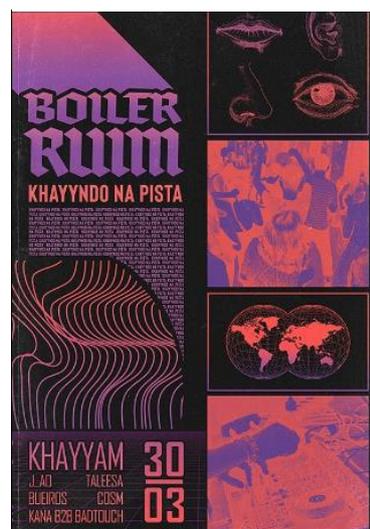
A cena clubber de Santos é composta por uma série de festas que dialogam entre si, mas que guardam diferenças de composição, público e localização. O centro figura como espaço de diversas delas, como a Boiler, Perpetua, Cave, Aurora, Vedana, Goma Room e a 4 Estações. Destas, apenas a Cave possui um local fixo, o Cave Club, no bairro Centro, que abriga também outros eventos além da festa Cave. A Boiler, Aurora e Vedana possuem um caráter mais amplo e diversificado; nelas o valor dos ingressos flutua de evento para evento, e pessoas transexuais não precisam comprá-los para participar dos

rolês. O espaço em que ocorrem, assim como a Boiler Ruim, varia entre galpões e bares alugados distribuídos pelos bairros que compõem o centro da cidade, e o bairro Marapé, mais próximo à área central. A 4 Estações propõe um role que ocorre sempre em lugares diferentes, e mais frequentemente foge do centro da cidade, mas também se procura produzir ambientes diversificados. Perpétua e Goma Room são rolês que produzem festas eletrônicas, mas que comportam um público menos diverso. É importante dizer que a diversidade nas festas é fortemente marcada pela composição que a festa propõe. Os DJ's que nelas tocam, a presença ou não de performers, se a festa acontece em clubes, bares ou galpões, se o uso de drogas ilícitas é tolerado ou não, a forma como o conflito é mediado dentro e fora das festas, produzem uma diferenciação interna que as localiza na cena.

A Boiler possui dois formatos: as edições grandes, separadas por períodos que variam de dois a três meses; e as edições pockets. As primeiras são as maiores, aquelas nas quais os organizadores empenham um esforço de planejamento, aluguel de mobília, compra de bebidas, montagem de cenários maior e em galpões mais amplos. Nessas, o público era consideravelmente maior. A cada edição, aproximadamente mais cem pessoas diferentes integravam a festa. As segundas, menores, mais íntimas. Estas últimas, as edições pockets, aconteciam em casas alugadas em bairros fora da macrozona do centro, enquanto as primeiras eram concentradas em espaços no bairro Centro de Santos.

Alargar a diversidade de pessoas que vão às festas da Boiler Ruim é o fio de prumo que norteia os organizadores. Esse posicionamento político é refletido, também, na construção estética da festa: a cada edição, temáticas diferentes dão o tom da decoração, o nome, o tamanho e a modificação do espaço para cada festa. Conforme cresce, a Boiler passa a procurar por espaços que possuam mais do que a pista de dança, mas também espaços para acolhimento, descanso e respiro para os participantes. A pista é intensa; o som, alto. Com o alargamento de público, é esperado que pessoas que não tem intimidade com festas com dez, doze horas de duração precisem

Figura 7: Banner de divulgação da festa



Fonte: perfil oficial da festa no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/oilerruim/>

respirar antes de voltar para o transe. Ainda, esse alargamento trouxe discussões para a organização: foi preciso diversificar os integrantes que organizam o role para que ele pudesse ser diverso.

Mano, inclusão pra nois é criar uma rede de apoio a partir da festa pra cuidar do cotidiano da galera, e fazer da festa um lugar de encontro. Aprendi isso com a Dando [Festa Dando, da cena clubber paulista], de SP. Muitas refs vieram de sp. A acessibilidade começou nos role de SP. A Mamba Negra [festa do circuito clubber paulista] começou a fazer e essa tendência foi se espalhando pro país e a Boiler foi junto nesse balaio. (ORGANIZAÇÃO BOILER RUIM, 2021)

O crescimento da Boiler a cada edição obedecia a um compasso norteado pela perspectiva dos organizadores: as edições grandes eram destinadas à criação de espaços de encontro, mas também de confronto seguro entre pessoas de diferentes ambientes, lugares, circulações e vivências. Esse confronto, acima de tudo, é estético. A Boiler Ruim é, como proposta dos organizadores, um espaço seguro para que as pessoas pudessem ser chocadas por diferentes tipos de sensações, músicas, performances, experiências e pessoas. Ela deve, acima de tudo, permitir que o maior número possível de pessoas dos mais diferentes nichos se encontre e vivencie a pista em Santos.

Com o tempo, tinha gente que descia de São Paulo pra ir no role, gente que nois não fazia ideia de quem era, gente diferente pra caralho. Viado, trava, rolê skate, playboy, gente de toda idade, pais e mães de amigos: ninguém dando uma foda pra quem tava dançando feio. (ORGANIZAÇÃO BOILER RUIM, 2021)

Construir a festa como uma forma de viabilizar o encontro de diferentes estéticas traduz um dos principais diferenciadores da Boiler Ruim na cena santista e, para eles, também em relação a cena paulista³. Organizada como um coletivo, a Boiler nunca deu conta de se tornar uma atividade profissionalizada remunerada para os organizadores. A cada festa grande realizada, as despesas eram cobertas, enquanto o caixa remanescente era acrescentado diretamente no planejamento do próximo evento. Autônomos, os organizadores atuam em diferentes áreas profissionais, encarando a festa como um projeto de escape do cotidiano profissional: trabalho é trabalho; festa dá trabalho, mas ainda é festa.

³ Para mais sobre a cena paulista: BRAGA, Gibran. **O Fervo e a Luta: políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim**. 2018.

A Boiler é única em Santos, mesmo na cena. A proposta é única e a forma como é executada também. Convite barato, bebida acessível, nois libera porta pra quem vem trocar uma ideia explicando a situação. No role a galera se encontrava, conhecia gente com quem dava role fora da Boiler. E tudo isso com espaços grandes, bem planejados, com segurança, bombeiro, som bom, performance, espaço pra pista e espaço pra descanso. Fazer um role como a Boiler, numa cidade coxinha, é movimentar muita coisa. (ORGANIZAÇÃO BOILER RUIM, 2021)

A manutenção dos preços baixos dos ingressos, somada a uma toada de crescimento das festas a cada edição é um desafio à lógica de mercantilização do território não só pela manutenção do fio de prumo (a diversidade como pilar, acima de qualquer conforto), mas também pelo próprio desafio lógico: crescer e tornar mais diversos, transformando o espaço em trabalho, mas sem pôr em prática um recorte de classe do público.

Estética e fio de prumo: diferença cria diferença

Os organizadores moram em diferentes regiões da baixada santista e possuem trajetórias escolares, profissionais, ambientes familiares e relações com a música distintas. Entre algumas das diferenças, passagens por escolas públicas e privadas; apreço por diferentes festas da cena paulista, como a Mamba Negra e a Festa Dando; núcleos familiares distintos. Além desses fatores, a funcionalização da festa: para uma ala dos organizadores, ela deve se tornar rentável, alterando seu formato; para outros, a crescente de inclusão deve ser priorizada sobre a lucratividade da festa.

Este último ponto levanta questões importantes. Enquanto a Boiler cresceu, o grau de complexidade necessário para fazer com que cada festa superasse a anterior cresceu a reboque. Por um lado, o número maior de convites, e assim de pessoas presentes na festa, exigia instalações com mais espaço e ventilação; por outro, o núcleo de organização precisaria, também, ser alargado para que fosse viável. O alargamento da organização, junto do aumento da complexidade de realização da festa, trouxe um impasse: crescer e profissionalizar a Boiler, buscando lucratividade e sacrificando acessibilidade ao aumentar o custo de convites e das bebidas vendidas na festa; ou crescer e pessoalizar, mantendo os convites a preços acessíveis, sacrificando a lucratividade. O crescimento exponencial da Boiler Ruim apresentou desafios logísticos para a sua continuidade. Foi

preciso, nos últimos anos, diversificar os integrantes da organização para criar diversidade na pista.

O role, pra mim, já foi uma válvula de escape onde eu usava droga e esquecia da vida. Hoje, eu consigo construir uma harmonia com a galera, entrar na magia com música e só de estar ali, tomando só uma cerveja. Isso tem coisa também com a relação entre trabalho e hobby que a festa me trouxe. Teve um atraso nosso pra essa questão vir à consciência. Pra todo mundo, na verdade. A linha é complicada, mas a festa é uma responsabilidade e consciência constantes, então é difícil explicar. Mas a partir do momento em que uma acaba e a outra pode acontecer, a festa já começa e ocupa o pensamento. (ORGANIZAÇÃO BOILER RUIM, 2021)

Enquanto uma ala dos organizadores votava por manter a festa no Centro, mantendo assim o baixo custo de execução e a estética até então construída entre a festa, o bairro e público, outra ala dos organizadores trazia uma perspectiva de crescimento que envolvia realizar edições da Boiler Ruim fora do Centro e fora de Santos, buscando públicos diferentes e espaços de maior visibilidade nas cenas brasileiras. Em outras palavras, duas perspectivas políticas se esboçam na estética da Boiler: uma vez nascida na cena santista, a Boiler e o Centro estão ligados; por outro lado, para manter o crescimento de diversidade, o Centro deve ser deixado.

A Boiler é feita de um conjunto de eventos, e o Centro é um deles, é o espaço em Santos em que dá pra fazer festa que não seja feita pra playboy. Crescer é bom, mas no último role teve reclamação [dos participantes], porque colou muita gente que geralmente não cola, o que causou um estranhamento na galera. A festa perdeu, pra algumas pessoas, a essência, porque foi muito grande com muita gente muito igual que era diferente de quem já colava. Sair do Centro pra fazer role em lugar de playba, perto da praia, seria abrir caminho pra isso. (ORGANIZAÇÃO BOILER RUIM, 2021)

Durante outra entrevista, também com um dos organizadores, o questionamento sobre fazer festas fora do bairro gerou uma reflexão diferente:

Super faria uma Boiler na Moby [casa de festas que fica de frente para a praia, em Santos], mesmo tendo prejuízo, fazendo de graça, só pra fazer a galera colar lá. Seria muito simbólico, tanto quanto a Mamba que fez festa na Vila Matarazzo [bairro nobre de São Paulo]. Seria uma ocupação de verdade, muito mais do que fazer escondido no Centro. Mesmo pensando que se a Boiler não fosse no Centro, ela não seria nada a ver com que é hoje. Se não fosse lá a gente teria que se contentar com espaços pequenos e em cobrar mais nos convites. (ORGANIZAÇÃO BOILER RUIM, 2021)

Figura 9: Pista de uma casa de show na avenida da orla da praia de Santos



Fonte: perfil oficial no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/mobydicksantos/>

Figura 8: Pista de uma das edições da Boiler Ruim



Fonte: perfil oficial no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/boilerruim/>

A ligação da Boiler Ruim com o Centro se mostrou de natureza ideológica e pragmática. O Centro de Santos, como relatam os interlocutores, sempre foi o espaço principal de acontecimento de festas de música eletrônica. Ocupar o bairro foi tanto um caminho de retorno dos organizadores, que frequentavam o bairro para ir a outras festas, quanto a única opção rentável: o aluguel dos espaços é mais acessível e o bairro fica distante das áreas residenciais, diminuindo as possibilidades de acionamento da polícia militar e de interrompimento da festa. Dessa forma, ocupar o Centro fazia com que o bairro se tornasse, mais uma vez, um caldeirão da cena clubber santista, ao mesmo tempo em que possibilitava o baixo custo dos convites, da bebida; o alto volume do som e a segurança dos participantes do role.

A cidade tava em baixa nesses roles [de música eletrônica]. A Boiler veio depois dos roles do Centro que aconteciam na Praça dos Andradas. Quando os roles de praça começaram a perder espaço, depois que uma matéria de jornal divulgou a bagunça, uma repressão da prefeitura proibiu os eventos. A prefeitura começou a barrar os roles de rua eletrônicos, que lucravam com o bar montado na própria praça. O bar, inclusive, servia para tentar custear roles em lugares fechados, como a Boiler é hoje. O Centro era a única opção para isso acontecer naquela época e até hoje ainda é. O Botequim do Marapa era a única opção naquele momento. (ORGANIZAÇÃO BOILER RUIM, 2021)

Santos e o Centro: bairro fundador, bairro não rentável

O Centro enquanto bairro fundador de Santos guarda uma conexão histórica muito significativa com a cidade. A juventude que cresceu na cidade conhece o bairro como o lar do trabalho ligado ao porto; o espaço de concentração de prédios institucionais como a Receita Federal, Prefeitura, Alfândega. Ainda assim, o Centro foi deixado às margens

do desenvolvimento da cidade. Santos, cidade marcada pelos pontos turísticos, praia, pelos jardins de orla e pelo alto padrão de vida e consumo, relegou ao Centro um lugar desprivilegiado no processo de transformação urbana da cidade: enquanto os bairros mais próximos à orla ganhavam ativos investimentos do setor imobiliário, valorizando o território, o Centro e os bairros da Macrorregião Centro da cidade recebiam, a medida que avançamos da orla para o continente, porções menores de investimento, visibilidade e espaço no planejamento estratégico de Santos. O cuidado com a imagem da cidade é lentamente desfeito conforme nos afastamos da orla e dos bairros residenciais. Ainda assim, o Centro oferece regulações à festa. Com as festas de rua barradas pela repressão policial, a Boiler poderia existir enquanto estivesse cercada por paredes e portões com controle de entrada e saída.

O desenvolvimento histórico do Centro, sobretudo no período pós 1950, sofreu radicais transformações. Com o deslocamento das elites paulistas, que ocupavam o bairro em sua fundação, para áreas mais próximas à orla, o bairro passou por uma primeira etapa do seu processo de mudança. Junto do crescimento populacional das classes trabalhadoras portuárias que vinham à cidade operar em função das empresas de exportação, o bairro passou a ser povoado e ressignificado como periférico: o surgimento de casarões na orla e a criação de novos bairros ao longo da segunda metade do século XX fizeram com que o Centro fosse ocupado pela classe trabalhadora, alterando também seu ecossistema de consumo, circulação e moradia, relegado a segundo plano no processo de desenvolvimento industrial e turístico da cidade. Junto dos escritórios de administração portuária surgiram cafés, casas de prostituição, boates, cortiços e restaurantes voltados em sua maioria para a classe trabalhadora que ocupara o bairro. Se transformando progressivamente de acordo com as relações sociais estabelecidas no bairro, o Centro perdeu sua estética de espaço da elite, com arquitetura requintada e concentração de negócios.

Já em meados de 1990, a ausência de políticas públicas de reapropriação do bairro passou a ser discutida pelo poder público. Em 2003, através da Lei Complementar N.º 470, o programa Alegria Centro foi criado e regimentado como o programa de revitalização e desenvolvimento da região central histórica de Santos, de competência da Secretaria Municipal de Planejamento. Pouco depois, em 2005, o projeto foi deslocado para a esfera política do planejamento urbano da cidade, afinando laços com as diretrizes

de fomento de turismo e alargando diretivas voltadas para o desenvolvimento econômico aliado à inclusão social na Macrorregião Centro (COMITRE, 2013).

Alguns dos impactos almejados através dos dispositivos legais que viabilizam e regulamentam o Alegria Centro⁴ podem ser observados em seu documento de Justificativa Técnica: a necessidade de criação de cidades compactas e amigáveis; adequação dos bairros da região aos padrões urbanos de Santos; a criação de condições de competição da região central frente aos demais bairros; a criação de áreas de proteção e restauração dos símbolos históricos santistas presentes no Centro. Dispersos em trechos saudosistas, o documento versa sobre a importância da adequação estética, visual e estrutural dos bairros Vila Mathias, Vila Nova, Paquetá, Porto Paquetá, Porto Valongo, Valongo, Chinês e Centro para que esses bairros possam competir economicamente com os bairros ocupados por classes mais elevadas. Nessas regiões, a intervenção pública visa trazer o investimento privado para que produza, como deu conta de produzir nos demais bairros da cidade, o adequamento socioeconômico necessário para que os bairros pleiteados pelo Alegria Centro possam ser revitalizados, reurbanizados e reintegrados à dinâmica santista.

Torna-se necessária a construção de cidades compactas, amigáveis, com diversidade de usos onde moradia e trabalho estejam mesclados de modo a garantir o equilíbrio sustentável nas diversas áreas do município. [...] Há uma competição desigual para a região central do município, uma vez que outras áreas da cidade passaram a contar com significativos investimentos no comércio, estabelecimento de escritórios, consultórios e serviços públicos próximos das moradias que proporcionaram maior conforto aos usuários. (SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DE SANTOS, 2018)

O Plano Mestre do projeto, apresentado no documento de Justificativa Técnica, lista como alguns dos objetivos do Alegria Centro: resgatar a função social da cidade; qualificar o espaço, a paisagem e o desenho urbano; valorizar o patrimônio histórico e cultural; estimular o desenvolvimento econômico sustentável; potencializar o turismo histórico e cultural; diversificar o uso residencial; promover a renovação urbana nos bairros Valongo e Paquetá. Para viabilizar essas transformações, a prefeitura estreita laços com agentes do mercado, retomando o perfil privatista (MAZIVIERO, 2013) da administração pública da cidade, que opera sempre em uma relação próxima com o mercado. Como afirma o Art. 34º da Lei Complementar nº470/2003: “Serão concedidos

⁴ Lei Complementar N.º 470 de 05 de fevereiro de 2003, alterada pela Lei Complementar N.º 526 de 17 de março de 2005; Lei Complementar N.º 1.005 de 16 de julho de 2018; Lei Complementar N.º 1.006 de 16 DE julho de 2018.

incentivos fiscais para a realização de investimentos privados na restauração ou

Figura 10: Comparativo arquitetônico do Alegria Centro



Fonte: Apresentação e Justificativa Técnica do Alegria Centro. Disponível em: https://www.santos.sp.gov.br/static/files_www/files/portal_files/alegria_centro

conservação dos imóveis, bem como na instalação ou manutenção de atividades econômicas voltadas à cultura, ao lazer e ao fluxo turístico decorrente” como forma primeira de incentivo público ao avanço privado nos bairros da região central de Santos. Com priorização de investimentos que produzam espaços de circulação e consumo de sujeitos mais abastados, tanto santistas quanto turistas, fica expresso nos documentos o anseio do poder público por produzir normatização do território santista através da ação de agentes privados que empreendam bares, cafés, museus, restaurantes que modifiquem a circulação dos sujeitos e, com isso, o uso do espaço do Centro.

Cidade, estética, mercado e festa: Santos, território diminuto

Retomando o conceito de partilha do sensível de Rancière (2009), em que sujeitos põem em prática suas estéticas ao produzir os espaços da cidade os ocupando e utilizando, torna-se visível no horizonte o conflito político entre a Boiler Ruim e o Alegria Centro. A Boiler Ruim é ocupada pelo Centro. A circulação dos organizadores pelo bairro, antes da realização do primeiro evento, fez criar uma familiaridade com a porção central de território da cidade: era lá que música, pessoas e diferenças se encontraram, outrora, para dançar e celebrar. A Boiler, anos mais tarde, não teria outro lar que não o mesmo bairro que abrigou festas que possibilitavam a troca de experiências entre sujeitos com trajetórias diversas. As festas do circuito *mainstream* da cidade, mais próximas a orla da praia, operam, também por suas localizações, em uma lógica diferente da Boiler: elas propõem festas com convites a preços mais altos, bebidas mais caras e espaços mais regulados. O Centro, em contrapartida, foi e segue sendo o lar das festas que operam em

lógica inversa: convites acessíveis, bebidas baratas e espaços seguros de regulação normativa no que tange a vestimenta, dança, consumo de drogas. Para os organizadores, por um lado, o Centro é feito da noite subversiva e é palco primeiro do circuito de festas underground na cidade; por outro, é uma porção de território que permite que esse circuito exista, uma vez que nele estão os espaços com valores e instalações viáveis para a realização de festas com aportes financeiros menores.

O Alegria Centro, ao longo dos últimos vinte anos, intenta retransformar a região, integrando-a à dinâmica central de rentabilização do território santista. O processo, nesse momento, faz jus aos termos chave utilizados na concepção do projeto: revitalizar, atribuindo nova vida ao Centro, uma vida mais ligada ao consumo de camadas médias e altas do município e serviente ao turismo; reurbanizar, integrando o Centro às dinâmicas sociais e econômicas encontradas nos bairros mais abastados, recriando o urbano; reintegrar, retomando à posse da elite econômica local o domínio sobre o uso do espaço. Alterar a dinâmica econômica do Centro, no sentido do Alegria Centro, é produzir uma mudança na forma como o espaço é experienciado e circulado pelos sujeitos: ao alterar a circulação, a partilha do sensível do bairro passa a ser (re)disputada entre os sujeitos que ocupam o bairro hoje e aqueles que serão atraídos pela transformação infraestrutural do Centro. Em suma, o Alegria Centro traduz a atração de investimento de capital privado, com foco na criação de um polo de concentração de comércio de médio e alto padrão, com recuperação da estética urbana legada pela elite paulista da fundação do bairro, em retomada de controle sobre o território do Centro, buscando torná-lo rentável (VAINER, 2000) mais uma vez.

A relação do poder público local com as atividades promovidas hoje no bairro é restrita. Como reforçam os organizadores, o acesso a editais de fomento à realização de eventos são restritos, em geral, a espaços móveis na faixa de areia da praia; ou ao repasse de quantias que não chegam a ser suficientes para o custeio da realização de festas como a Boiler.

Os espaços mais propícios pra festas são os galpões do Centro. Mas, quanto mais espaços pra ocupar, melhor. Espaços estoicos, salões. Não só para as festas, mas também pro fomento de espaços de circulação não centro-orientados. O Facult⁵, por exemplo, libera dez mil reais pra ajudar a galera a fazer acontecer os eventos, mas é osso: a quantia tanto não é suficiente quanto

⁵ Concurso de Apoio a Projetos Culturais Independentes em Santos, de acontecimento anual e orçamento variável. O Facult elenca e disponibiliza verba para a realização de intervenções artísticas pela cidade, como a pintura de muros, estilização dos jardins da orla da praia.

o rapasse de grana não significa que a prefeitura ajudou, ela só deu dinheiro. (ORGANIZAÇÃO BOILER RUIM, 2021)

A dificuldade na construção de parcerias entre a prefeitura e a cena clubber santista, mas também de outros núcleos e coletivos, reafirma a lógica do programa de desenvolvimento urbano vigente na cidade: enquanto isenções e incentivos fiscais substanciais são descritos por lei municipal para atrair investidores interessados no cumprimento do projeto estético do Alegria Centro, expresso nos documentos de apresentação do projeto público, a expressividade, uso e construção de estéticas destoantes são auxiliadas com o repasse de verbas que não chegam, muitas vezes, a cobrir o custo de realização dos eventos. No lugar de promover diálogo com diferentes coletivos culturais, o Alegria Centro expressa normativas de intervenção estética na cidade, criando terreno econômico e jurídico favorável às intervenções aliadas com o projeto.

Eu tenho contatos na secretaria da cultura pra conseguir armar diálogos com a prefeitura, mas não tem devolução do lado público, nem corpo do lado civil pra encorpar esse diálogo. A intenção com a Boiler era fortalecer isso também, mas nunca deu certo. Os editais têm valores de incentivo muito ruins, fora que dinheiro não resolve: precisaria de uma parceria mais próxima, não só grana. Um exemplo disso é que nós tem um integrante do corpo de segurança que é policial militar: é ele que conversa com as viaturas quando cola polícia no role. É assim que acontece. (ORGANIZAÇÃO BOILER RUIM, 2021)

CONCLUSÃO

A Boiler Ruim acontece no Centro, em suma, pelo afastamento, e, portanto, permeabilidade e possibilidades que o bairro possibilita. Mas, também, porque a estética proposta pela festa conscientemente brinca com isso. A festa é concebida para ser um espaço disruptivo e para isso lança uso do deslocamento até o Centro, da ausência e do incômodo como elementos estéticos de construção da disjunção do cotidiano.

O Centro, por outro lado, é importante para Santos por ser um bairro histórico e que, como o Alegria Centro deixa claro, por não potencializar uma nostalgia histórica que de senso de pertencimento aos santistas, não detém vida e não participa das dinâmicas sociais da cidade. Isso pode ser traduzido em não-rentabilidade a partir das disposições legais do projeto que incentivam a transformação do espaço para comércio e circulação de consumo de média e alta classe. É, portanto, através da rentabilização do território,

justificada pelo resgate da historicidade da cidade, que o Centro se torna alvo de um processo de gentrificação estética.

O recorte estético foi importante para a pesquisa por possibilitar sobrepor o tangível e o intangível: os discursos de construção de cidade da Boiler Ruim e do Alegria Centro saltam tanto da festa quanto dos documentos para se tornarem vozes de perspectivas diferentes sobre o uso do espaço urbano. Através desse recorte foi possível entender como esses dois discursos movimentam políticas de construção da cidade e definem pertencimento, uso e circulação em Santos sem o uso de força ostensiva.

A pesquisa avançou a discussão ao trazer essa leitura para a cena santista, tão importante e ainda tão invisibilizada pelas pesquisas mais focadas na cena paulista. Dado seu caráter remoto, o número de incursões que pude realizar, participando efetivamente da festa, foi limitado. Participar de mais edições, da própria construção da festa, seria interessante para alargar a perspectiva dos organizadores e poder, também, observá-la melhor na prática, captando aquilo que a palavra falada muitas vezes não dá conta de expressar.

Ainda outra limitação foram os escassos contatos com as inúmeras pessoas que compõem a festa: os participantes. Germinada pelos organizadores, a festa é feita das pessoas que ocupam a pista. Estas devem também participar de uma investigação que busque compreender não só o germe, mas a própria efervescência coletiva.

Também o acesso ao Alegria Centro pode ser alargado, buscando outros atores e caminhos que permitam perspectivas mais localizadas sobre a iniciativa. Não foi possível estabelecer contato com entidades públicas que estejam ou estiveram envolvidas no projeto. Estes atores, tanto públicos quanto privados, em muito teriam para enriquecer a perspectiva da pesquisa.

Por último, outra possível agenda futura talvez possa ser o contato com o Centro em si, que abriga o campo desta pesquisa. A ausência de contato com outras festas e comércios locais que operam no Centro em muito teriam enriquecido a leitura de ambas as estéticas. Essa investigação ajudaria a contextualizar a percepção local tanto sobre a cena, quanto sobre o próprio Alegria Centro, localizando ambos no imaginário dos sujeitos que trabalham e vivem no Centro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, M. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.

AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania; PEREZ, Lea (org.). **Festa Como Perspectiva e em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2012.

AMARAL, Rita. As Mediações Culturais da Festa. **Revista Mediações**, Londrina, v.3, n.1, p. 13-22, 1998.

BRAGA, Gibran. **O Fervo e a Luta: políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim**. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CARVALHO, Sonia. Plano Diretor em Santos – política negociada. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.15(1), p. 121-134, 2001.

COMITRE, Felipe. **Processo de Revalorização da cidade de Santos-SP: o Alegre Centro e espaços de resistência**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2013.

COSTA, Antonio. A Festa dentro da Festa: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. **Campos: Revista de Antropologia**, Paraná, v. 7(2), p. 83-100, 2006.

FACCHINI, R. “Não faz mal pensar que não se está só”: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 36, pp.117-153, janeiro-junho de 2011.

FERREIRA, P. P. **Música eletrônica e xamanismo: técnicas contemporâneas do êxtase**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GARCIA, L.-M. On and on: repetition as process and pleasure in electronic dance music. **Revista Music Theory Online**, v. 11, n° 4, outubro de 2005.

GELDER, K. Introduction to part two. In: GELDER, K; THORNTON, S. (ed.). **The subcultures reader**. Nova Iorque: Routledge, 2005.

KOWARICK, Lúcio. **A Espoliação Urbana**. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1983.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 2019.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo, Editora Centauro, 2011.

MAGNANI, José. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

MAZIVIEIRO, Maria. Privatismo na gestão urbana de Santos ao longo de um século. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 14, 2011, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de

Janeiro: GT2 – 338, ANPUR, 2011. Disponível em: [Vista do GT2 - 338 PRIVATISMO NA GESTÃO URBANA DE SANTOS AO LONGO DE UM SÉCULO. \(anpur.org.br\)](http://anpur.org.br).

MAZIVIEIRO, Maria. **Privatismo e gestão pública na urbanização de Santos, continuidade e mudanças: décadas de 1910, 1940 e 2000**. 2013. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MECCIA, E. **Los últimos homosexuales: sociología da la homosexualidad y la gaycidad**. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.

MELLO, Gisele. **Expansão e estrutura urbana de Santos (SP): aspectos da periferização, da deterioração, da intervenção urbana, da verticalização e da sociabilidade**. 2008.

PARK, R. E. **A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**. In: VELHO, O. G. (org.) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967 (1916). p. 29-72.

PEREZ, Léa. **Antropologia das efervescências coletivas**. In: Passos, Mauro. A festa na vida: significado e imagens. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 15-58.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, André. **O centro de Santos: intervenções, legislação e projetos**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

STRAW, W. Systems of articulation, logics of change: communities and scenes in popular music. **Revista Cultural Studies**, v. 5(3), p. 368-388, 1991.

TELLES, V. Cidade: produção de espaços, formas de controle e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, n. 46 (1), p. 15-41, 2015.

THORNTON, S. **Club cultures: music, media and subcultural capital**. Cambridge: Polity Press, 1995.

VAINER, C. **Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano**. In: ARANTES, O; VAINER, C; MARICATO, E. A cidade do pensamento único. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000. p. 75-103.

VELHO, Otávio. Apresentação. In: PEREZ, Léa; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (org.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2012. p. 9-12.